



In-CORPO-r-AÇÃO

Débora Souto Allemand¹

Barbara Hypolito²

INTRODUÇÃO

Incorporar: tornar corpo, um corpo que é ação. A ação de ser corpo no espaço urbano. Está intimamente ligado à corpografia³ de Jacques (2008) e ao corpo-espaço⁴, de Miranda (2008). Esses dois conceitos partem do princípio de que o corpo está no espaço, e o espaço torna-se corpo: incorpora. O espaço e o corpo estão sempre em relação e modificam-se mútua e constantemente. Portanto, entendemos que o corpo não é uma entidade isolada do espaço e, sim, um corpo espacial móvel, onde a respiração é um elo permanente com o exterior (MIRANDA, 2008, p. 32 e 33).

Assim, se a cidade muda a cada instante, como podemos interferir no espaço urbano? Com esta inquietação, o grupo Cidade + Contemporaneidade idealizou uma maneira de intervir no cotidiano, para que o tempo fosse desacelerado e as pessoas refletissem sobre o espaço à sua volta e a sua realidade. A ação já foi realizada três vezes, mas ainda se pretende realizá-la novamente.

A INTERVENÇÃO

A ação é feita com projeções de imagens utilizando retroprojetores apontados para as paredes, chão, teto e até empenas cegas, dependendo de onde é realizada. O intuito não é necessariamente representar a realidade, mas criar um imaginário a partir dessas imagens. A escolha do retroprojetor é para que as "coisas" (imagens) possam ser movimentadas facilmente e sua escala seja manipulada. Essas imagens foram retiradas da oficina "Os lugares do para-formal", realizadas nas cidades de Bagé-RS e Salvador-BA (figura 1), durante o ano de 2012, pelo grupo Cidade + Contemporaneidade. Além das imagens, bailarinos se moviam, utilizando o espaço da maneira como lhes convinha. A figura 2 mostra uma pessoa escolhendo as imagens que colocaria no retro projetor e na figura 3, os bailarinos em movimentação.

Nessa atividade, trabalha-se com os conflitos que acontecem no desenho urbano planejado da cidade, um corpo-espaço fluido e de contínua transformação (MIRANDA, 2008, p. 12).

¹ Arquiteta e Urbanista e graduanda em Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pelotas - UFPel; deborallemand@hotmail.com.

² Arquiteta e Urbanista e mestranda em Arquitetura e Urbanismo na UFPel; barbarahypolito@hotmail.com.

³ "A corpografia é uma cartografia corporal, ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente." (JACQUES, 2008)

⁴ Corpo-espaço significa a fluidez das fronteiras corporais e do espaço: "como o corpo está em permanente fluxo de mutações em sua interação com o meio ambiente, o movimento, o corpo e o espaço estão permanentemente imersos em mútuas relações de transformação." (MIRANDA, 2008, p. 24)

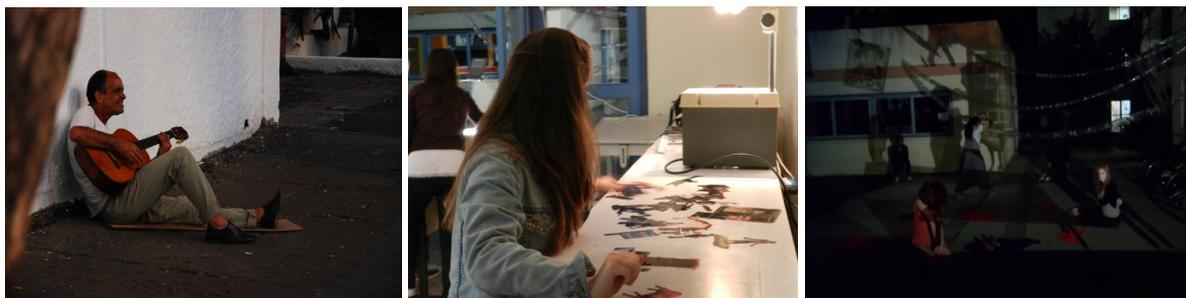


Figura 1: Para-formalidades em Salvador/Bahia. Figuras 2 e 3: Primeira realização da performance (Faurb - UFPel). Fonte: Ivan Kuhlhoff, 2012.

OBJETIVOS

O grupo C+C tenta abrir uma brecha no comportamento sincronizado da cidade, para gerar controvérsias (disputas, opiniões diversas ou debates) no desenho urbano, como faz o para-formal. A proposta da performance⁵ com as imagens, parte do princípio de que a arte "faz pensar", a arte faz produzirmos novas relações. A ideia da arte feita no lugar incommum "como criadora de tensões no espaço público espetacular" (JACQUES, 2010, p. 116).

Fomentar a discussão sobre o conceito de espaço era um dos objetivos da intervenção, assim, a ação foi realizada na FAUrb - UFPel. Essa abordagem tornou-se fundamental, uma vez que, mesmo dentro de uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, quando falamos em espaço, "ainda é a geometria euclidiana, lugar geográfico/matemático de certezas nas medições de distâncias, áreas, volumes e ângulos, que nos vem à mente".

Converter o "usuário" de um espaço em "perceptor" dele era outro de nossos objetivos. A arte tem o poder de "deslocar a percepção do usuário urbano, que se encontra neutralizada pelo seu hábito, interferindo na constituição de novas experiências da cidade" (FONSECA e ROCHA, 2010, p. 350). Assim, nossa atividade tenta fomentar uma participação ativa na vida pública, indo de encontro a um estado de inércia das pessoas, que estão acomodadas, de olhos fechados para sua cidade.

E, por fim, talvez o objetivo mais importante - apurar o olhar dos Arquitetos e Urbanistas para os corpos e para o movimento do espaço. "Hoje, é muito difícil que os arquitetos pensem que eles estão projetando para corpos em movimento." (PEREIRA, 2010, p. 287). Comumente a maioria dos profissionais esquece-se do seu corpo, uma vez que vive numa sociedade em que a razão é mais importante que a emoção, que o sentir.

Por outro lado, devemos ter cuidado quando pensamos cabeça e corpo como partes separadas, "é preciso afastar o risco da fragmentação da identidade humana entre o homem de um lado e esse belo objeto que seria o corpo." (LE BRETON, 2007, p. 35), pois é com o corpo que as

⁵ A *performance art* surge na década de 60 como uma modalidade de manifestação artística interdisciplinar que pode combinar dança, teatro, música, poesia ou vídeo, com ou sem público. Apesar de utilizar o corpo como instrumento, está ligada aos movimentos de vanguarda (dadaísmo, futurismo, Bauhaus, etc.) e não está dissociada da questão social. (GLUSBERG, 2005)



pessoas relacionam-se diretamente com o mundo. E, além disso, mesmo que não queiramos, todos movimentos que fazemos têm significado e valor. Em movimento ou mesmo em repouso, o corpo estará sempre comunicando (GLUSBERG, 2005, p. 117), ou seja, todos interferem na brincadeira, mesmo que não o façam conscientemente, nada é passivo.

ACONTECEU...

Muitos alunos de arquitetura e urbanismo entenderam que a atividade era puramente visual, porém, "não somos e nunca fomos criaturas falantes ou criaturas visuais: nós somos criaturas de carne e sangue." (René Berger, GLUSBERG, 2005, p. 46). Não é possível separar o corpo em sentidos, ou em razão e emoção, portanto, qualquer atividade que fazemos é sempre corporal, na íntegra: "[...] o corpo é o receptáculo da memória e dos traumas, basta ativar certas partes para virem à mente certas lembranças." (FUÃO, 2003, p. 21). Assim, o dualismo corpo-mente no qual a sociedade acredita, na realidade não existe, somos corpo.

Entretanto, "a cultura privilegia certos sentidos em relação a outros", e, hoje privilegiamos muito o sentido da visão. Mas a Arquitetura não é só um cenário, não é só imagem. Concordamos com PEREIRA, quando diz que devemos nos preocupar mais com as experiências sensoriais, "[...] nós não estamos atentos a processos, a ritmos, a fluxos, a mentalidades, a formas de experiência" (PEREIRA, 2010, p. 288). Devemos lembrar que, assim como a arquitetura e os bailarinos, também somos um corpo e vivemos no espaço-tempo.

Mas, tentando "sair do sistema" (embora isso não seja inteiramente possível), negando o ritmo veloz imposto pela contemporaneidade, existe um outro estado de corpo que vivencia a cidade, o corpo errante. Para a experiência errática, a representação visual não é tão importante e o que vale mais são as vivências e ações. O estado de corpo errante pode ser comparado ao estado da lentidão, de Milton Santos, que é um estado de desorientação, contrário ao que busca o urbanismo (JACQUES, REDOBRA, 2012, p. 198 e 199). "Essa experiência da cidade vivida, da própria vida urbana, revela ou denuncia o que o projeto urbano estratégico exclui, pois mostra tudo o que escapa ao projeto [...]" (JACQUES, 2012, p. 272). Ou seja, esse tipo de experiência mostra o espaço na realidade, o espaço que é feito pelas pessoas cotidianamente.

OS ESPAÇOS

Essa intervenção foi realizada duas vezes na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e uma, na URI campus Santo Ângelo (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões), e foi possível perceber que o espaço físico influencia muito para as pessoas terem vontade de interferir nas imagens ou não. Em Santo Ângelo, o espaço que utilizamos não se configurava como palco-plateia (figuras 4 e 5), assim como aconteceu no saguão da FAUrb (figura 6), o que significava que as pessoas teriam de se movimentar para

enxergar tudo que estava à sua volta, facilitando a interferência. Em Santo Ângelo todos participaram da "brincadeira", não ocorreu a diferenciação bailarino-espectador, arquiteto-cidadão.



Figuras 4 e 5: Performance Incorporação na URI - Santo Ângelo. Figura 6: Performance Incorporação no saguão da FAUrb - UFPel. Fonte: Marcelo Donadussi e Edu Rocha, 2012.

Diversos grupos de arte que atuam no espaço urbano, percebem que o comportamento do público é bem diferente do que quando se utiliza o Teatro. A espontaneidade do espectador-transeunte⁶ configura-se como uma espécie de participação na ação, fazendo com que o espetáculo se modifique e seja novo a cada momento e a cada apresentação, dependendo do local e de quem assiste. O grupo Tá na Rua⁷, utiliza o espaço urbano justamente para estimular a interferência do espectador, necessitando um alto grau de improvisação por parte dos atores (CARDOSO, 2008, p. 92). E, para a autora, assim como para o "Tá na Rua", quanto maior o grau de interferência do espectador, mais rica torna-se a ação, pois diferentes tipos de elementos entram "em cena".

Uma das características da dança (e de qualquer arte) contemporânea é estar aberto a interferências e improvisações, tudo faz parte da coreografia, ela nunca está acabada, o espectador participa no momento em que assiste e interfere. Essa ideia pode ser levada à arquitetura, Cabral Filho (2004) sugere que os arquitetos projetem espaços para usos indeterminados, abrindo a possibilidade de criação do habitante/usuário. Isso, porém, já acontece, independente dos arquitetos quererem ou não, principalmente nos espaços opacos, onde os atores urbanos o reconstróem a cada momento, como já dissera Paola Jacques:

Os praticantes da cidade atualizam os projetos urbanos - e o próprio urbanismo - com a prática dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que o atualizam. (2012, p. 272)

Pensando no espaço não como um plano regular e homogêneo onde se dispõem todos os corpos, vem à luz a discussão à respeito de corpo. O espaço depende do corpo e vice-versa. "Merleau-Ponty nos fez ver que o corpo é a nossa principal referência espacial e que o espaço deve ser compreendido não só a partir dele, mas também como uma extensão do próprio corpo." (FUÃO,

⁶ Espectador-transeunte é aquele que estaria passando na rua no momento em que acontece a performance, então pára pra assistir, ou não, mas de qualquer forma acaba interagindo no espetáculo.

⁷ Grupo de teatro de rua formado na década de 80 no Rio de Janeiro dirigido por Amir Haddad. Com o objetivo de resgatar uma expressão submersa pela cultura burguesa, utilizam o teatro como instrumento de desenvolvimento do ser humano, de conscientização de sua realidade política, social e cultural (Grupo Tá na Rua, 2012).



2003, p. 12). Assim, refletimos sobre como entendemos o corpo na sociedade contemporânea ocidental.

LIMITAÇÃO DOS CORPOS

A partir da colocação de Margareth da Silva Pereira, "Agora nós arquitetos, nós estamos construindo cidades sem corpo, o corpo está ausente, o corpo do próprio projetista" (2010, p. 287) e do que constamos durante as intervenções, refletimos a respeito do corpo no espaço-tempo.

A proposta da atividade é que todas as pessoas interfiram nas imagens, na movimentação, no espaço, entretanto percebemos que a grande maioria tem vergonha de interferir, são Arquitetos que não modificam o espaço na prática. Isso é compreensível, afinal, a ideia de que a mente é mais importante que o resto do corpo foi construída historicamente e é confirmada na escola: fomos "treinados" para ficarmos sentados na cadeira a tarde toda, somente usando o cérebro. Os alunos mais "rebeldes" eram sempre os que passavam correndo de um lado para o outro.

Devido a isso, "o corpo, quando esse comparece na teoria da arquitetura, é de modo frequentemente reduzido a um agregado de necessidades e restrições que devem ser acomodados através de métodos de projeto fundados em análise comportamentais ergonômicas" (Gartner, 1990, apud Frampton, 2002, apud AGUIAR, 2010, p. 42). Além do que, a cidade está nós não usamos a cidade, não imprimimos nela nossa característica, nossa vida está descolada da cidade, não estamos incorporados nela.

Mas essa acomodação/alienação já era criticada na década de 50, quando surgiu o movimento denominado Situacionismo, que reunia artistas de diversas áreas contrários à sociedade de consumo, à cultura espetacular e à passividade da sociedade. Comandados por Guy Debord, os situacionistas sugeriam que o "principal antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no cultural." (JACQUES, 2012, p. 206). Além disso, "eram contra o monopólio urbano dos urbanistas e planejadores em geral, e a favor de uma construção realmente coletiva das cidades" (JACQUES, 2012, p. 209).

QUE CIDADE ESTAMOS CONSTRUINDO?

A partir da performance realizada, conclui-se que a maioria dos estudantes de arquitetura preferiram ficar sentados vendo os outros mudarem o espaço para eles. Mas nosso corpo não é algo que se diferencia da nossa mente, tudo o que se reflete nele (da cabeça pra baixo) modifica nossa mente (cérebro) e vice-versa. Assim, a Arquitetura que fazemos hoje, está nos limitando corporalmente (entendendo que a cabeça e o corpo são inseparáveis).

Então, que cidade queremos? Como modificar a cidade? Como incorporar a cidade?



Tal qual o movimento dos situacionistas, cremos que a cidade deve sim ser construída por todos, a começar pelos arquitetos e urbanistas e pelos planejadores do espaço. Esses profissionais precisam incorporar a cidade, usar a cidade, modificar a cidade, utilizando seu corpo, percebendo que não somos seres visuais, que somos um corpo sensível, que apreende o mundo não só por meio da razão.

Mudar a cidade significa mudar as relações sociais, ir de encontro à cidade-espetáculo e ao império da razão. Mudar a cidade significa fazer projetos entendendo que serão continuamente modificados por quem os utiliza, por quem os incorpora, pelos errantes. Mudar a cidade significa desconstruir barreiras entre centro e periferia, significa unificar a cidade, unificar as pessoas, entender o corpo como sujeito, como um só, sem esquecer que as pessoas/corpos são diferentes e, portanto, únicos, uma vez que cada ser humano vivencia a cidade de uma forma, incorpora a cidade dependendo de suas sensações. Apropriar-se da rua significa compreender seu próprio corpo, compreender-se. E para isso, a dança e a arte são meios capazes de modificar essas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Douglas Vieira de. *Alma Espacial: o corpo e o movimento na arquitetura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

CABRAL FILHO, J. S. *Arquitetura Irreversível – O corpo, o espaço e a flecha do tempo*. In: Adriana Bnana; Carla Lobo (Orgs.). Catálogo FID Fórum Internacional de Dança – Extensão Brasil 2002-2003. Belo Horizonte: Atômica Artes Ltda., 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.089/202>. Acesso em 20/11/12.

CARDOSO, Ricardo José Brügger. *Inter-relações entre espaço cênico e espaço urbano*. In: Evelyn F. W. Lima (Org.). Espaço e Teatro: do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

FONSECA, Cacá; ROCHA, Edu. *Zonas em compreensão + Encontros*. In: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (Orgs.). Corpocidade: Debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010. Entrevista concedida a Revista Urbânia.

FUÃO, Fernando Freitas. *O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?* In: Arq Texto 3-4, 2003. Disponível em: http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_3-4/03_Fernando%20Freitas%20Fu%C3%A3o.pdf. Acesso em: 28/11/12.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da Performance*. Tradução: Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Grupo Tá na Rua. *História*. Disponível em: <http://www.tanarua.art.br/2011/historia-2/>. Acesso em: 04/12/12.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas*. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 17/11/12.

JACQUES, Paola Berenstein. *Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas*. In: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (Orgs.). Corpocidade: Debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. *Experiência errática*. In: Revista Redobra - no 9 - ano 3. 2012. Disponível em: www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/ano3/. Acesso em: 04/12/12.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

Vozes, 2007.

MIRANDA, Regina. *Corpo-espaco*: aspectos de uma geofilosofia do movimento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PEREIRA, Margareth da Silva. In: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (Orgs.). *Corpocidade: Debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. Entrevista concedida a Edu Rocha e Joubert Arrais.